

Jardim das delícias

Crítica de Música

**La Reverdie
Hortus Deliciarum**

★★★★★

Estoril, Auditório Sra. Boa Nova
21 de Abril, às 21h30

Com uma discografia excelente e uma notável qualidade vocal e instrumental, o *ensemble* La Reverdie é uma das referências máximas da música da Idade Média e dos inícios do Renascimento. Ao longo da sua carreira, este grupo italiano fundado em 1986 por dois pares de irmãs (Claudia e Livia Caffagni e Elisabetta e Ella de Mircovich) actuou algumas vezes no Festival da Póvoa de Varzim e passou pelos Encontros de Música Antiga de Loulé mas, curiosamente, nunca tinha integrado as programações de Lisboa e arredores. A sua última passagem por Portugal no último fim-de-semana incluiu o Festival Terras Sem Sombra (com a interpretação do *Magnificat* de Pedro de Escobar e da *Missa Sancti Jacobi*, de Dufay, em Santiago do Cacém) e um concerto no Auditório Sra. Boa Nova, no Estoril, com o programa *Hortus Deliciarum*.

Além de um cativante poder de comunicação e de um estilo próprio, o êxito de La Reverdie deve-se também aos programas aliciantes que constrói. Desta vez, o grupo inspirou-se no tratado *Hortus Deliciarum* (Jardim das Delícias), compilado entre 1167 e 1185 por Herrad von Landsberg (abadessa do mosteiro alsaciano de Hohenburg). Trata-se de uma espécie de enciclopédia – a primeira que se conhece elaborada por uma mulher – que reúne o essencial do conhecimento da época, incluindo importantes secções dedicadas à poesia e à música. Nesta perspectiva, o programa percorre, à maneira de uma antologia, os principais géneros musicais profanos praticados em França e Itália nos séculos XIII e XIV. O conductus *Leto leta concio*, na versão de Herrad von Landsberg, abriu um alinhamento diversificado que contemplou motetes, danças e formas da Ars Nova francesa e italiana como o virelai, a ballata, o madrigal e a caccia. Além de vários trechos anónimos, ouviu-se música de Jean Vaillant, Magister Piero, Jacopo da Bologna, Francesco Landini e Johannes Ciconia, bem como a recriação contemporânea de uma



O ensemble La Reverdie

peça instrumental (*Diana stella*) da autoria de Doron David Sherwin, conhecido intérprete de corneto que também integra La Reverdie.

A destreza técnica e uma energia contagiante marcaram este último trecho, mas a polivalência de cada uma das integrantes do grupo (neste programa reduzido a três elementos) ficou bem patente ao longo de todo o concerto. Livia Caffagni mostrou-se exímia na flauta de bisel (mas tocou também viela), Claudia Caffagni foi eloquente como alaúdistista e Elisabetta de Mircovich brilhou sobretudo no plano vocal – com um ponto alto no virelai *Par*

*mantes foy*s de Vaillant, com as suas sugestivas imitações do canto dos pássaros – mas toca também com segurança viela e sanfona. As três combinaram as suas vozes em óptima sintonia nos motetes politextuais ou em dueto nalgumas outras peças, mostrando rigor e clareza de dicção nas partes imitativas das caccie e madrigais e recorrendo a intervenções instrumentais variadas no plano tímbrico. Além de inúmeras questões relativas à notação rítmica nem sempre fáceis de resolver, o repertório medieval exige dos intérpretes uma boa dose de recriação, por exemplo na escolha dos instrumentos ou no plano da ornamentação. Um equilibrado balanço entre o conhecimento musicológico das fontes e a vivacidade dessa recriação é uma das mais-valias do trabalho de La Reverdie que faz soar a música da Idade Média como uma arte intemporal plena de frescura. Este tipo de repertório teria a ganhar se fosse interpretado num espaço mais intimista e num cenário arquitectónico em conformidade com a época do repertório, mas as grandes dimensões do Auditório Sra. Boa Nova quase não se sentiram devido a uma eficiente amplificação. Por outro lado, o imaginário medieval foi convocado através de projecções de iconografia alusiva.

Cristina Fernandes

FOTOS: DR

Feitos da Guiné

Os acasos da produção e da programação fazem com que a Guiné-Bissau pareça estar nos holofotes do cinema português este ano, com a estreia de *A República di Mininus*, do guineense Flora Gomes, marcada para daqui a poucas semanas, e o IndieLisboa a abrir o concurso nacional a duas longas ligadas àquela ex-colónia. Directamente da menção oficial para primeira obra em Berlim, *A Batalha de Tabató*, de João Viana (amanhã, 21h30, Culturgest, e sexta, 26, 19h15, Classic Alvalade), joga de modo ingénio mas sincero com questões de tradição e contaminação, passado e presente, independência e colonização. É um filme algo naïf na sua fragilidade e na pobreza (assumida) dos seus meios, mas tem qualquer coisa de intrigante no modo como usa a música como substituto da motivação e da narrativa (sobre um ex-combatente cujo regresso à terra natal é simultaneamente trágico e catártico).

Onde *A Batalha de Tabató* faz da Guiné-Bissau centro e razão de ser, em *Bobó* (hoje, 21h30, Culturgest, e sexta, 26, 19h, Classic Alvalade) não passa de uma tangente à história principal que nunca é suficientemente explorada. A segunda longa-metragem de Inês Oliveira, depois do infeliz *Cinerama*, conta a história de uma arquitecta lisboeta isolada num casulo depressivo auto-imposto desde uma tragédia familiar (que só no final entenderemos), abalado pela chegada de uma empregada guineense que a mãe lhe impõe. Apesar das referências *en passant* à mutilação genital feminina e ao misticismo africano, o que interessa à realizadora é o retrato de uma mulher que se volta a abrir ao mundo, contado com um olhar generoso e interessado mas demasiado distante para envolver o espectador numa história frágil e difusa. **J. M.**

como a pesca, e maioritariamente de um modo muito romântico. Queríamos fazer algo de colaborativo com os pescadores mas não queríamos transformá-los em cineastas; quisemos algo mais próximo da sua experiência sensorial.”

É essa sensorialidade, esses “fantasmas” do mar e essa sensação de desolação e solidão, que *Leviathan* explora, através de uma sequência de momentos “agarrados” ao registo das câmaras presas ao barco. É também por isso que Castaing-Taylor e Paravel tiveram alguma relutância em “assinar” *Leviathan* – “dizer que um filme de não-ficção é ‘dirigido’ por um ‘realizador’ é algo de muito estranho”... “É provavelmente o filme menos convencional que alguma vez fizemos no laboratório, mas também é verdade que nenhum de nós fez filmes que se possam chamar convencionais”, continua.

“Não temos regras, mas também não queremos só fazer coisas vanguardistas ou não-narrativas; tentamos apenas não fazer algo que já tenha sido feito. Já há tanto filme e tanto livro aí fora que, se vamos dar mais um filme ao mundo pelo menos vamos tentar fazer alguma coisa que nunca tenha sido feita...”

Missão cumprida: nunca se viu nada como *Leviathan*.

PUBLICIDADE

indie lisboa '13

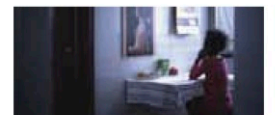
10º Festival Internacional de Cinema Independente
18 a 28 DE ABRIL | Vem ao indieLisboa ver algo novo.
INDIELISBOA.COM



Destques de Terça-Feira, 23 de Abril



LEVIATHAN
Lucien Castaing-Taylor, Véréna Paravel, doc., 87'
19H00, CULTURGEST GA



BOBÓ
Inês Oliveira, fic., 104'
21H30, CULTURGEST GA



MA BELLE GOSSE
Shalimar Preuss, fic., 80'
19H15, CINEMA SÃO JORGE, SMO



NOVÍSSIMOS 1
73'
16H30, CINEMA SÃO JORGE, SALA 3

